

**Discursos e imagens sobre mulheres
nas primeiras décadas do século XX na cidade de Teresina.**

OLIVIA CANDEIA LIMA ROCHA^{1*}

Introdução

As sociedades constroem representações e prescrevem práticas e comportamentos desejáveis, de modo a servir de orientação na forma de pensar e de agir de seus membros.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a elite intelectual, econômica e política brasileira busca inspiração em um modelo de progresso e busca remodelar o espaço urbano.

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Teresina, integrava-se ao mercado capitalista, por meio da exportação de produtos extrativistas e importando bens de consumo.

Em meio a esse processo tem-se uma valorização da educação e da dinamização das formas de lazer no cenário urbano, impulsionando a circulação de novas idéias e de novos modelos de comportamento. Mapear os conflitos e as virtualidades que acompanham essas transformações constitui-se em objetivo dessa discussão. Essa análise desenvolve-se a partir de textos publicados em periódicos que circulavam em Teresina nas primeiras décadas do século XX, respaldando-se em bibliografia que discute o período estudado.

As transformações vivenciadas pela sociedade do período colocam em questão os comportamentos femininos, descrevendo-se os modelos desejáveis e os que deveriam ser evitados. O que coloca em evidência os conflitos, próprios de momentos de transição, nos quais os novos modelos ainda não estão plenamente estabelecidos. Dessa forma, a mulher e seus papéis sociais emergem, nesse período, como objetos das reflexões de intelectuais piauienses e de mulheres letradas, que começam a usar a imprensa para debater assuntos relacionados à sua atuação na sociedade.

* Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos-PI. Mestre em História do Brasil - UFPI.

1 Urbanização, modernidade e novas imagens femininas

O período compreendido entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX é caracterizado pelo surgimento de novidades que colocam em evidência as relações conflituosas entre velhos modelos e novas perspectivas, marcando um período de transição na sociedade brasileira. Dentre as transformações que se apresentam nessa época, cita-se a modernização das feições urbanas, a modificação de costumes e de práticas sociais, a associação entre espaço urbano, cultura literária e educação formal.

Nas últimas décadas do século XIX, temas relacionados à mulher e ao universo feminino encontram espaço nos periódicos locais como demonstram os textos “A mulher e seus direitos” e “A missão da mulher” publicados no jornal *O Semanário* no ano de 1880. A intensificação da urbanização, a difusão da cultura escolar e a das práticas de leitura e escrita se desenvolvem na cidade de Teresina de forma interligada. Essas transformações do cotidiano da cidade intensificam-se nas primeiras décadas do século XX, o que vai repercutir na ampliação do espaço destinado a debater temas relacionados às mulheres, seu papel social e ao ordenamento familiar.

Os investimentos públicos e particulares que visavam fomentar a instrução formal ampliaram o universo de leitores. A intensificação da circulação do escrito favoreceu por sua vez, a intervenção discursiva dos literatos, que criticavam e prescreviam modelos de comportamento social. Nesse cenário, a literatura e a escola impõem-se na sociedade como novas práticas em oposição à ruralidade (CASTELO BRANCO, 2005).

Nas primeiras décadas do século XX observa-se uma aproximação entre a cultura letrada e a imagem de uma cidade moderna, a qual se identifica com a introdução de inovações tecnológicas, como energia elétrica, o telégrafo, o cinema, os automóveis e etc. O espaço público tornava-se cenário de novas formas de lazer e sociabilidade. O espaço urbano tornava-se propício à circulação de idéias, informações e publicações literárias. Nesse contexto, os bacharéis, médicos, jornalistas e escritores se destacam como uma elite intelectual.

A função estratégica da mulher na educação dos filhos faz com que a instrução feminina passasse a ser disputada por perspectivas distintas. Destacando-se a criação do

Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1906, com orientação confessional; e a criação da Escola Normal Livre em 1909, por iniciativa de intelectuais maçons e livre-pensadores. Ambas as vertentes pretendiam buscar a mulher como aliada na difusão de seus ideais e na consolidação do modelo social que defendiam. Portanto é necessário investir na formação dos modelos femininos desejados. Mas essa tarefa não era fácil, pois haviam outros modelos sendo difundidos na sociedade da época.

O tempo dedicado aos passeios, às novenas, aos bailes, ao cinema dentre outras atividades era visto como uma subtração da mulher à sua mais sublime missão a de cuidar da casa, do marido e dos filhos. Na perspectiva católica, a mãe ideal:

Não deve ser negligente, nem roubar o tempo em visitas inúteis, deixando os filhos em companhias de criadas e pessoas suspeitas. [...] A casa é um templo e a mãe, é uma sacerdotisa. Os primeiros sentimentos de religião, de temor a Deus, de caridade, para o próximo, de amor filial, deve inspirá-los nos filhos. A mulher que não cumpre fielmente sua missão, não é digna desse nome, é um trambolho em casa, é um perigo à sociedade. Uma boa mãe de família deve ser religiosa, fiel ao marido, humilde, santa e estar sempre em harmonia com o chefe do lar doméstico (MISSÃO, 1926, p. 1).

A mulher casada devia ser devotada à família, agir em conformidade com o marido, resguardando sua sexualidade ao casamento. Além disso, segundo a perspectiva católica, a mãe também deveria inspirar princípios morais e religiosos a seus filhos. De outra forma, as bases sob as quais se sustentava todo um ordenamento social seriam colocadas em risco.

A inauguração da energia elétrica e a construção de um jardim na Praça Rio Branco fomentaram o surgimento de cafés e cinemas criados nos arredores desse local, propiciando que os passeios se estendessem até as 22 horas, resultando em uma maior permanência das mulheres no espaço público (CASTELO BRANCO, 1996). O teatro, o baile, os passeios e o confessionário afastavam a mulher do lar:

Eu só admiro a mulher na santidade do lar, tratando da família. Quanto maior é o número de filhos que uma senhora cria com desvelo e solicitude, mais a considero sábia e santa. Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha, mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo. Com isto devo acrescentar, para evitar dúvidas, não sou contra a educação da mulher. Quero-a música, pintora, costureira, cozinheira, gomadeira, modista, uma perfeita dona de casa, entendendo um pouco de tudo, principalmente das línguas, da música e das matemáticas elementares. A mulher deve ser educada para mãe de família. Só deve aprender o que se relacionar com esse grande objetivo. Nada

de criá-la na vida airada e preguiçosa de andar rezando de manhã pelas igrejas, de tarde se mostrando enfeitada à janela e à noite nos bailes e teatros (FREITAS, 1996, p. 71).

A mulher que fugia aos papéis que eram atribuídos ao sexo feminino era vista como uma “espécie de macho”. O que evidencia a preocupação em delimitar as condutas masculinas e femininas na sociedade. A prescrição detalhada do que era conveniente à instrução feminina, também se faz acompanhar do que era necessário ser evitado quanto aos lugares e práticas sociais. A vida da mulher e sua educação deveriam se pautar no espaço doméstico. Era preciso evitar a mulher demasiado religiosa, a excessivamente vaidosa e assídua freqüentadora de lugares como o cinema, os bailes e o teatro:

Aos dez anos quando deviam mandá-la ao colégio, ministrar-lhe o bálsamo dos bons livros, ensinar-lhe a nossa história, a nossa língua, ensaiá-la nos afazeres da vida doméstica, nas costuras, nos cuidados do lar, ao revez, levam-na ao teatro, ao baile, ao five-o-clock, ao confessionário (MORENO, 1912, p. 1).

Os livre-pensadores defendiam que a instrução feminina fosse balizada por um sistema de ensino com bases leigas, privilegiando a preparação para a vida doméstica, estabelecendo um novo modelo de esposa e mãe apta a administrar o lar, a zelar pela saúde dos membros da família e a confeccionar ela mesma, ornamentos e trabalhos de agulha.

Entretanto, a educação feminina lança novas bases de atuação para as mulheres na sociedade, dentre elas destaca-se o trabalho, em repartições públicas e no magistério. Os aspectos que associavam as chamadas aptidões naturais da mulher, dentre as quais, se menciona, a amabilidade, foram usadas como argumento para privilegiar a educação feminina na Escola Normal, considerando-se que a mulher seria o ente social, mais adequado a ensinar as crianças com afeto, semelhante ao de uma mãe, com desvelo e abnegação missionária.

O projeto de progresso e desenvolvimento do Brasil por meio da educação atribui à mãe e à professora a função de contribuir para a formação dos futuros cidadãos. Assim, nas primeiras décadas do século XX a mulher, o universo feminino, o seu comportamento e sua atuação social tornam-se objetos de contos, romances,

crônicas, conferências e artigos em publicações do período. Entre as temáticas em pauta nos periódicos que circulavam no Estado do Piauí, menciona-se, o papel da mulher na família, o vestuário e os comportamentos femininos. A discussão desses assuntos demonstra que a sociedade se inquietava com o deslocamento de fronteiras que trazia em seu bojo novas perspectivas de participação social para as mulheres.

A imagem feminina passava por um processo de disputa e transformação, com mudanças no vestuário, no penteado, na maquiagem e na forma de apresentar-se em público. As jovens desejavam vestir-se conforme a moda, parecer modernas, sedutoras e atraentes como as mulheres das revistas e das películas cinematográficas. Marcava-se assim, a busca por uma atualização da imagem feminina, como uma forma de romper com um modelo de mulher confinada ao espaço doméstico, aos tachos de panela, ao cuidado dos filhos e costuras.

Ao circular no espaço público as mulheres estavam expostas às tendências da moda, ao comportamento propagado pelo cinema, mas também às idéias que reivindicavam novos papéis sociais para as mulheres, expostas em publicações, como a *Revista Feminina*, *A Cigarra* e *Fon-Fon*. Além desses periódicos, era noticiada a venda de publicações que versavam sobre moda, como *Elite*, *Parisiana*, *Bleuses de le Saison*, *Le Chic*, *Grande Álbum Parisian*, *Le Chapeus Parisiennes*, *La Lingerie Parisienne*, *Album Parisiana*, *Façon Faleur* e *Modes d' Enfantis*. Os títulos dos periódicos indicam que a moda francesa alimentava o ideal de modernidade esboçado no vestuário e em novas formas de sociabilidade.

O espaço público constituía-se em um lugar convidativo, havia jovens dispostas a demorar-se nos jardins após as aulas, ou mesmo cabulá-las para freqüentar uma sessão no cinema, com amigas ou algum flerte. O jornal *O Piauí* de 1925 publicava diariamente a relação das alunas que haviam faltado às aulas do dia anterior na Escola Normal e dos alunos faltosos no Liceu Piauiense. Ao tornar públicas as faltas dos alunos, buscava-se favorecer o controle da família sobre o cotidiano dos jovens, se esses freqüentavam assiduamente as aulas ou se vivenciavam o espaço público sem o devido acompanhamento familiar.

O cinema estava entre as formas de lazer que encantavam e provocavam polêmicas na sociedade do período estudado. Segundo Queiroz (1998, p. 45), as críticas de Clodoaldo Freitas e Elias Martins ao cinema dão conta de que este se tornava um

local privilegiado de flerte, que começava na sala única de espera, e “enquanto os filmes veiculavam mensagens eróticas, o próprio espaço onde eram projetados se colocava como lugar de perdição - por conta da escuridão e da falta de controle de adultos”. Assim, no escurinho do cinema, casais trocavam carícias, davam vazão a desejos e práticas, que não seriam possíveis ao namoro, no jardim público iluminado, em bailes e residências sob a atenta supervisão familiar e social. A moda e o cinema seduziam com o seu poder de propagar modelos que afloravam e despertavam desejos:

[...] a civilização, com as inúmeras liberdades, as suas conquistas, as suas modas pagãs, as suas doces penumbras do cinema, os seus tangos, os seus piqueniques e quejandos, tem fortemente contribuído para a propagação desse vício encantador, desse delicioso pecado de ouro da carne, que é o Amor (VASCONCELOS, 1922, p. 1).

As “modas pagãs”, “a doce penumbra do cinema”, os corpos colados dançando tangos, e as novas formas de lazer, como os piqueniques representavam liberdades e conquistas do processo civilizatório. Sobretudo essas práticas propagavam o “delicioso pecado da carne”, um “vício encantador”, burlando a condenação do prazer, impelindo à vazão dos desejos que fremitavam nos corpos.

No cotidiano da cidade os olhos eram fisgados pelos corpos mais a mostra. O corpo ganhava uma dimensão narcisista, a ser modelado por espartilhos e exercícios para atender o perfil idealizado, para atrair olhares, despertar desejos, para ser como os atores e atrizes que apareciam nas projeções cinematográficas. As pessoas passavam a encenar o espetáculo da modernidade e a se constituir em vitrines de seus valores e ideais. No início do século XX, vivenciava-se em Teresina, a emergência de novas maneiras de pensar e de diversão que se constituíam em novos poderes. O cinema projetava modelos que se entrelaçavam com os desejos das pessoas, disseminando comportamentos evidenciados no passeio público, nos bailes e no vestuário. Sob a influência das revistas e do cinema:

a mulher frágil, sem energia, não pode ficar quieta, isolada. [...] E masculinizou-se pois era esse o dito da moda. [...] Cantar, dançar, fumar, pintar-se bem, transformar-se em melindrosa, eis a aspiração. E será eterna. Enquanto houver pó, rouge outros adornos, ela será a mesma (IRIS, 1926, p.4).

A fragilidade moral das mulheres era vista como um fator que favorecia sua adesão a novos comportamentos, transformando-se em uma “melindrosa”. Essa desenvoltura feminina no espaço público, dançando, cantando, fumando e apresentando-se vestida e maquiada com os ditames da moda, contrastavam com o ideal de recato esperado para as mulheres ditas de família da época. E de certa maneira, também é tratada como uma forma de masculinização, pois se esperava que a socialização feminina fosse direcionada aos espaços domésticos, para a descrição. Evitando-se que chamasse a atenção para si de forma escandalosa, apropriando-se de práticas consideradas masculinas, como fumar.

As mudanças no comportamento feminino eram vistos como fatores de degradação moral da família e da sociedade. A moda, o teatro, o cinema e as novas danças eram percebidos como ameaças a um ordenamento social que prescrevia para as mulheres valores como discrição e castidade. A maquiagem, o corte curto do cabelo, os decotes e a alteração no comprimento das saias e vestidos colocavam o corpo feminino em evidência, tornando seus movimentos mais insinuantes (QUEIROZ, 1998; CASTELO BRANCO, 2005).

As críticas dirigidas ao uso da maquiagem, ao trabalho feminino fora do lar, aos novos cortes e penteados femininos, os decotes e roupas mais justas ao corpo representavam uma resistência às transformações do período, vivenciadas com certa angústia, pois se temia um desordenamento da sociedade:

se a mulher de agora não tem mais aquele recato de antigamente si sentada, cruza escandalosamente as pernas, para que a indiscrição de saias curtíssimas se lhes vejam as ligas encantadoras, si andando, bamboleia o corpo num ritmo provocante; se corta os cabelos; se usa pinturas, se usa vestidos sem mangas e de corpos colantes, si dança danças pagans, de quem é a culpa? Exclusivamente dos homens que consideram de matutas, de atrasadas todas aquelas que assim não praticam. [...] Outrora o chefe de família dava exemplos nobres e velava pela reputação da mulher e filhas, esclarecendo-as, quando se afastavam da virtude, fazendo-as ver e refletir suas inconveniências que dali resultariam (CAMÉLIA, 1926, p. 4).

As mulheres eram instigadas a seguir um visual moderno e atualizado com as novidades propagadas pelas revistas e pelo cinema. Eram as mulheres retratadas nesses veículos que se tornavam modelos de beleza e sedução. Entretanto, a adoção de uma nova imagem feminina, caracterizada por mudanças no vestuário, pelo uso de maquiagem e pelo uso de cabelos curtos; incitava censuras. Ao acompanhar as

tendências da moda associadas à mulher moderna, corria-se o risco de ser alvo de mexericos e de maledicência. Nessa perspectiva, destaca-se o comentário de Lili Castelo Branco sobre a época:

Infeliz da criatura que cai nas malhas de uma cidade atrasada, gente desocupada e maldosa, como a Teresina dos anos 1922, que vivi. Só havia como opção para escapar aos fuxicos: ou ser hipócrita ou totalmente destituída de vaidade, inteligência e beleza (BRANCO, L., 1983, p. 98).

Seguir as novidades da moda e adotar atitudes consideradas modernas poderia fazer com que essas mulheres fossem alvos de críticas e fofocas, que tinham a função de mecanismos de controle social, como observa, Margaret Rago:

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho (RAGO, 1997, p. 62).

O conto “A linda mamã” pode ser considerado ilustrativo das disputas e representações construídas em torno da imagem feminina na época, criticando-se o que se denominava de masculinização da mulher. Nesse texto, temos duas perspectivas antagônicas, que opõem mãe e filha, representando modelos de mulheres que seriam contemporâneas, mas de gerações diferentes, e dessa forma, marcavam o conflito entre o novo e o tradicional:

Tinha Odete uma linda mamã. De tão extraordinária beleza, que quando alguém queria se referir à menina Jauniel, dizia logo: ‘a filha daquela senhora bonita’. Laura Jauniel enviuvara aos vinte e cinco anos, ficando com uma filha de oito. Por índole morigerada, rica, não pensou em casar segunda vez. Educara a filha na mais completa liberdade, deixando à sua inteira discricção a escolha dos exercícios físicos e o culto ao ar livre. [...] Aos vinte anos, Odete era forte, rosada, um tanto garota, mas corajosa, sem afetações, nem pieguices, sabendo remar, nadar, jogar Box e governar sozinha, o seu auto. Usava chapéu sem as patuscas complicações da moda exagerada, seu corpo era sólido e tinha braços musculosos (SAURET, 1912, p. 1).

Nesse contexto, os modelos de educação e comportamento feminino também estão em pauta. Enquanto Odete representava um modelo de mulher visto como

masculinizado por suas feições físicas, práticas esportivas, comportamento e personalidade corajosa, sua mãe representava o ideal de feminilidade da época:

A viúva era, antes de tudo, mulher parisiense. [...] Laura tinha, entretanto permanecido calma, indiferente mesmo, no meio de todos os arroubos, dos candidatos. Habitara-se a esse papel, um pouco fictício, de ídolo, ao qual seu temperamento bem se amoldava. As homenagens, as declarações e zombarias chegavam-lhe à maneira de um incenso subindo aos pés de uma santa (SAURET, 1912, p. 1).

A personagem Laura é retratada como uma mulher acostumada a ser idolatrada e a manter-se impassível diante seus admiradores. Representa um ideal de virtude, sendo retratada como uma mulher que mesmo tornando-se viúva, ainda jovem, mantém-se casta. O conflito entre as diferentes perspectivas representadas pelas personagens se acentua, quando Odete recebe uma carta de Abel Sirvan que se confessa apaixonado por sua mãe e solicita que interceda em seu favor. Odete julgava que os cuidados do jovem rapaz dispensados a ela eram um sinal de interesse, mas percebe-se preterida:

[...] Odete, de súbito admirou a mãe, como se a visse pela primeira vez. Na figura flexível, Laura tinha o ar de uma flor. [...] A filha, teve, naquele momento, a noção da sua inferioridade, revelada numa evidência tão flagrante, que concordou em que Laura deveria ser mesmo a preferida... Sim, devia ser isso mesmo. E sentiu passar sobre si como o sopro da fatalidade. Emudeceram os protestos do seu coração, contemplou a triunfadora... -Então como se foi? Perguntou-lhe Laura, entrando. Sem responder, a filha vacilou ligeiramente. E tomando-a pelo braço, abriu a porta da sala, onde Sirvan a esperava, afastando-se para deixar passar enquanto, num heróico sorriso murmurava: -Entra é ainda a tua vez mamãe! (SAURET, 1912, p. 1).

Esse conto assinado por Henriqueta Sauret coloca em pauta a educação feminina, o comportamento e a imagem feminina. Ao deixar a filha optar livremente pelas atividades a serem exercidas, obteve-se um modelo de mulher masculinizado e considerado, portanto, pouco atrativo, aos homens. O modelo de mulher parisiense elegantemente vestida, delicada em suas atitudes seria preferível ao modelo masculinizado, embora a frase final do conto, “entra é ainda a tua vez mamãe”, apresente um tom resignado, mas também ameaçador pela perspectiva de mudança nessa configuração.

A perda da feminilidade e do poder de atração sobre os homens funcionava como um discurso que pretendia desestimular as mulheres a adotar comportamentos e práticas que eram consideradas masculinas:

O ser frágil e delicado da mulher não deve ocultar o veio de energia e de força, que possa fazer arrogante, poderoso e temido. Seria a sua masculinização. E a mulher nesse estado, ela que é a fonte de beleza eterna e o símbolo do amor, perderia todo o seu encanto e seria a exterminadora voluntária do grande império, do domínio absoluto que exerce sobre o nosso sexo (CHAVES, 1920, p. 1).

Não caberia à mulher buscar posições que a colocassem em situações associadas a poder e a liderança no mundo público, fosse no mercado de trabalho ou na política. Imiscuir-se em atividades inseridas sob domínio masculino era considerada uma forma de masculinização. A mulher não deveria ser temida, mas afável, admirada em sua beleza e delicadeza.

O casamento era a perspectiva preferencial para as jovens solteiras das famílias piauienses do período. Para as jovens aspirantes ao casamento, ser considerada uma mulher bela e sedutora era um recurso importante, numa sociedade na qual se esperava que as mulheres enredassem os homens, conquistando “bons partidos”, os que pudessem desempenhar bem os papéis masculinos na família, como, o de pai e marido, provedores da segurança e do sustento familiar. Entretanto é também nessa sociedade que emergem novos discursos sobre as perspectivas femininas, vislumbrando-se que as solteironas:

[...] deixam-se ficar numa situação que não é esmerda e nem humilhante, livres de qualquer tutela, donas das suas ventas, como se costuma dizer, e sem a pressão esmagadora do homem. É errado se dizer que todo o desejo da mulher, a sua vontade mais imperiosa, é o casamento (BERENICE, 1926, p. 4).

Contudo, a visão mais recorrente da solteirona, a retrata como uma mulher que vivia a amargura de ser moça velha, mulher encalhada que não arranhou casamento, a tia que ajudava a criar os filhos dos irmãos e irmãs; tendo uma vida carente do carinho de um marido e de filhos, sem um lar para governar como dona da casa, e em geral, dependendo financeiramente dos parentes com quem vivia:

[...] excepcionalmente uma solteirona pode ser ou considerar-se feliz: vegetando a maioria das vezes, à sombra de um lar que não o seu, servindo de pasto às chufas injuriosas e críticas mordazes das outras mais jovens que ela. [...] E por arrastarem com heroísmo até o fim a pesada cruz de uma existência vazia de afeição, erma de esperanças e de idéias, é que as solteironas merecem nossa admiração e respeito, o que, entretanto, de maneira alguma, lhes ameniza a amargura da dor imensa de uma grande desilusão (VIOLETA, 1926 a, p.4).

A solteirona era enfim considerada uma mulher infeliz, com o vicejo da juventude esvaído ou esvaindo-se. A solteirice seria um fardo pesado e a solteirona uma desiludida. Essa era uma perspectiva a ser evitada. Dessa maneira, a instrução podia ser considerada numa forma de acrescentar qualidades à mulher, pois uma esposa instruída poderia não apenas educar os filhos sobre novos princípios, mas também atuar com desenvoltura nos eventos do cotidiano urbano, servindo de aliadas no estabelecimento de relações relevantes a desenvoltura social e política dos maridos.

Nesse contexto, a educação feminina permitiu que as mulheres instruídas pudessem burlar as recomendações da Igreja Católica. Segundo Pinheiro (2001) a Igreja proibia a leitura de romances naturalistas, publicações anticlericais, livros que explicitassem a sexualidade, pregassem o amor livre, questionassem o matrimônio, versassem sobre a interpretação de sonhos, astrologia, adivinhações, feitiços e fossem contrários a moral cristã.

A reivindicação de novos espaços de atuação feminina na sociedade repercutia nos periódicos locais, dentre os quais, menciona-se, *Correio do Piauí* e *Piauí*. Nestas publicações, apareciam textos assinados com nomes próprios femininos e codinomes de flores que debatiam temas como, o casamento, o feminismo, a instrução e a participação feminina no mercado de trabalho e na política.

Condeno, entretanto a tendência que temos de nos restringir (com raras exceções) aos labores domésticos. Cultivemos as letras, as ciências, e as artes, e procuremos tornar independente nosso futuro, extinguindo, desta forma, o velho preconceito de que a mulher não pode prescindir do casamento (MAGNÓLIA, 1922, p. 4).

A instrução e as manifestações culturais passam a ser vistas como forma de independência financeira. Dessa maneira, surge a perspectiva de novas possibilidades de atuação social e realização feminina na sociedade, para além das oferecidas pelo casamento e pelo espaço doméstico. O casamento passava ser questionado, tendo em

vista a situação de dependência financeira da esposa em relação ao marido, que a colocava em situação de subordinação em relação ao mesmo.

Quem, melhor que as mãos femininas, transformariam o belo, em adornos, harmonias, poemas, cores e formas? Que a mulher se instrua para obter noções positivas de tudo; para que possa um dia viver sem o jugo da dependência masculina (EGLANTINE, 1926, p.4).

Eram as mulheres instruídas de classe média que desejavam obter reconhecimento intelectual e mudança em seu “status” social em relação aos homens. A participação feminina na imprensa e a publicação de textos literários respaldavam a capacidade intelectual feminina e legitimavam a reivindicação de igualdade entre os sexos.

o homem, cioso das suas prerrogativas, orgulhoso e ativo, já não verá na mulher antagonista teimosa e irritante, mas uma colaboradora inteligente e preciosa. Já não vendo nela o ente inferior e mesquinho a quem deve e pode impor a sua vontade, submeter aos seus caprichos, reconhecerá o erro em que elaboraram seus antepassados, e não desdenhará o seu concurso nos diversos ramos da atividade humana (VIOLETA, 1926 b, p. 4).

A instrução favoreceria essa reconfiguração social, contribuindo para alterar a forma como as mulheres eram percebidas na sociedade e favorecendo a abertura de novas áreas de atuação para elas. É nesse contexto, que diversas alunas e professoras da Escola Normal ganham espaço na imprensa local, noticiando-se seus discursos nos eventos escolares e publicando textos de autoria das mesmas, os quais discutiam temas do cotidiano da cidade e suas possibilidades de atuação social.

Considerações finais

As mulheres emergiram nesse contexto enquanto protagonistas de uma série de transformações que perpassaram a redefinição de seus lugares sociais, mas também a atualização das representações femininas. A mãe, a esposa, a mulher letrada, a melindrosa, a solteirona são algumas das virtualidades femininas do período.

A maior frequência feminina no espaço urbano, de forma provocante e sedutora fez com que as mulheres, os papéis femininos e seus comportamentos tornassem-se objetos da escritura de intelectuais. As mulheres que incomodavam eram exatamente as que se afastavam do espaço doméstico, do modelo de castidade e candura, elaborado

pela igreja e pelos intelectuais que idealizavam um modelo de mãe instruída, enquanto esteio de uma família também ideal.

As mulheres são nesse contexto as novas protagonistas do espaço público, no passeio, no cinema, nas escolas, nas repartições e etc. Essa maior exposição feminina no espaço público provoca a atualização das imagens femininas conforme a moda e o cinema. O protagonismo feminino se revela também no debate sobre as questões que envolvem sua atuação na sociedade.

A amplitude da discussão sobre os papéis femininos na imprensa local revela a inquietude com que essa época era vivenciada. Homens e mulheres que compunham a elite letrada do período buscavam interpretar as transformações do período, no intuito de compreender as condições de sua existência em devir. Inquietações e mudanças que também buscamos compreender em sua historicidade, considerando que a aceleração do tempo e a maior instabilidade das formas caracterizam essa modernidade urbana, enquanto processo de mutação contínua.

Referências Bibliográficas

A MULHER e seus direitos. **O Semanário**, Teresina, 25 set. 1880. Noticiário, p. 3.

A MISSÃO da mulher. **O Semanário**, Teresina, 11 set. 1880. Variedades, p. 3.

BERENICE. O meu ponto de vista. **O Piauí**, Teresina, 13 fev. 1926. Vida Social, p. 4.

BRANCO, Lili. **Fases do meu passado**. Teresina: s. n., 1983.

CAMÉLIA. A culpa dos homens. **O Piauí**, Teresina, 05 mai. 1926. Vida Social, p. 4.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

_____. **Famílias e escritas**: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2005.

CHAVES, Antônio. **O feminismo em Teresina**. *O Piauí*, p. 1, Teresina, 09 dez. 1920.

EGLANTINE. O meu ponto de vista. **O Piauí**, Teresina, 04 mar. 1926. Vida Social, p. 4.

FREITAS, Clodoaldo. **Em roda dos fatos**. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1996.

IRIS. [s.t.]. **O Piauí**, Teresina, 09 abr. 1926. Vida Social, p. 4.

MAGNÓLIA. Correio elegante. **Correio do Piauí**, Teresina, p. 4, 14 mar. 1922.

MISSÃO da mulher na família. **A Imprensa**, Teresina, p. 1, ano 2, n. 49, 06 fev. 1926.

- MORENO. A uma senhora piauiense. **Diário do Piauí**, Teresina, p. 1, 25 jan. 1912.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. **As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- QUEIROZ, Teresinha. **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- SAURET, Henriqueta. **Diário do Piauí**, Teresina, ano II, n. 203, p. 1, 17 set. 1912.
- VASCONCELOS, Antônio. O caso das professoras. **Correio do Piauí**, Teresina, p. 1, 24 mar. 1922.
- VIOLETA. O meu ponto de vista. **O Piauí**, Teresina, 23 fev. 1926 a. Vida Social, p. 4.
- _____. O feminismo. **O Piauí**, Teresina, 06 abr. 1926 b. Vida Social, p. 4.